

COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE: UM COMENTÁRIO SOBRE SUAS ETAPAS INICIAIS

Prof. Dr. Claudio Gil Soares de Araújo⁵⁶

INTRODUÇÃO

Foi com um misto de surpresa e satisfação que recebi, recentemente, uma correspondência da Direção do CBCE, na qual havia um convite para que eu redigisse um artigo que “expresse sua compreensão própria e particular acerca do desenvolvimento da entidade nos últimos 20 anos e, na tessitura de seus fios, o próprio desenvolvimento das ciências do esporte no período.” Mesmo estando bastante atarefado, com múltiplas atividades como docente e como médico, julguei mais do que oportuno atender ao convite. Trata-se, portanto, de um artigo bastante diferente daqueles que estou acostumado a redigir, não terá referências bibliográficas, nem ANOVAs, sequer um gráfico ou uma tabela, e será escrito de uma “sentada só”, como é mais apropriado para um artigo feito com base em memórias e idéias.

1977 – 1978

O início foi, provavelmente, em maio de 1977, quando tivemos o Congresso Brasileiro de Medicina do Esporte no Recife. Foi lá, que eu, com 21 anos de idade, então ligado, como acadêmico de Medicina, ao Labofise - Laboratório de Fisiologia do Exercício da Escola de Educação Física e Desportos da UFRJ -, sob a direção do Prof. Dr. Maurício Leal Rocha, tive oportunidade de assistir uma mesa

redonda sobre avaliação funcional. Na ocasião, fiquei bem impressionado com a apresentação de um colega do ABC paulista, que discutiu e apresentou dados originais sobre um método de campo, bastante simples, para a avaliação do componente anaeróbico de ressíntese do ATP. Acabadas as apresentações e o período de perguntas e respostas, dirigi-me, juntamente com o Prof. Paulo Sérgio Chagas Gomes, colega de Labofise, para conhecer pessoalmente o Dr. Victor Keihan Rodrigues Matsudo. Trocamos rápidas idéias e fomos convidados a visitar o laboratório, então denominado LAFISCS. Algumas semanas depois, eu e o Prof. Paulo Sérgio fomos convidados a trabalhar no recém-inaugurado Laboratório de Performance Humana da Universidade Gama Filho, a convite do Dr. Edmundo Vicites Novaes.

Logo a seguir, viajamos, eu e o Prof. Paulo Sérgio, para São Caetano do Sul. Saímos alta madrugada, de carro, do Rio de Janeiro, de forma que, logo no início da manhã, lá chegamos. Passamos o dia visitando e conversando com o Dr. Victor e a sua equipe. Ficamos bastante impressionados com a simplicidade dos recursos materiais e a sofisticação do uso do método científico para a coleta de dados, assim como com o modelo de organização de estágios. Acredito também que esta foi a primeira ocasião em que conversamos, os três, sobre alguma forma de associação que congregasse a pesquisa na área de esporte, o que até então não existia.

⁵⁶ Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da Universidade Gama Filho, Chefe do Serviço de Medicina do Exercício e do Esporte do Hospital Universitário Clementino Fraga Filho da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Professor Adjunto do Departamento de Fisiologia da Universidade Federal Fluminense e Diretor-Médico da Clínica de Medicina do Exercício – CLINIMEX, Rio de Janeiro, RJ.

Contato para correspondência:

Clínica de Medicina do Exercício

Rua Siqueira Campos, 93/102 - 22031-070 - Rio de Janeiro - RJ - Brasil - tel. (021) 256-7183

Alguns meses mais tarde, acredito que em setembro, fomos participar do então pequeno Simpósio de Esportes Colegiais de São Caetano do Sul, com três temas livres sobre natação e cineantropometria. Outra madrugada pela Rodovia Presidente Dutra, desta vez, com o Dr. Edmundo Novaes, lá amanhecemos e passamos um sábado bastante proveitoso. Mais ou menos no final da tarde, reuniu-se um grupo relativamente pequeno, penso que umas dez ou quinze pessoas, para conversar. No decorrer dessa conversação, o Dr. Victor questionou, objetivamente, o Dr. Rubem Pimenta, então Presidente da Federação Brasileira de Medicina Desportiva, sobre a possibilidade daquela Federação acolher licenciados em Educação Física como membros, apontando para o número considerável de trabalhos apresentados no evento que tinha como autores e co-autores educadores físicos. Inicialmente surpreso, o Dr. Pimenta sinalizou para uma hipótese futura de filiação em uma categoria especial de membro. Alguém insistiu e perguntou se esses sócios, naturalmente, poderiam ser eleitos presidentes, ao que prontamente Dr. Pimenta respondeu, "isto não!". Uma troca de olhares entre nós quatro – eu, Paulo, Victor e o Prof. Laércio Elias Pereira – representou, ao que me parece, a pedra fundamental na construção do CBCE.

Passamos quase um ano discutindo, conversando, ouvindo, argumentando e avançando em uma área que nenhum de nós detinha verdadeira experiência prévia. A idéia básica era criar uma sociedade científica multiprofissional, cujo ponto de referência fosse o esporte, nas suas diversas representações. Outros colegas foram sendo cooptados, e várias reuniões ocorreram, a maioria delas na casa de praia do Victor, em São Sebastião, litoral norte paulista. Um estatuto foi elaborado e como quase todos nós tínhamos vivência do American College of Sports Medicine (ACSM), que representava, para nós, um exemplo vivo e funcionante de um grupo multiprofissional, várias das qualidades e os defeitos do ACSM foram incorporados ao projeto original.

Imediatamente após o excelente Congresso Mundial de Medicina Desportiva, realizado na semana da pátria de 1978, em Brasília, seguimos para São Sebastião e, na varanda da casa de praia do Victor um grupo grande de jovens e motivados profissionais da área de esporte discutiu os últimos pormenores da fundação do CBCE.

Existiu, nesse período, um episódio que talvez mereça um comentário mais detalhado e sobre o qual eu já fui, mais de uma vez questionado. Durante o Congresso Mundial em Brasília, tivemos uma reunião – acredito que eu, Victor e Paulo Sérgio -, com algumas pessoas influentes no ACSM, na qual se discutiu uma possível classificação do nosso CBCE como um capítulo do ACSM. O nosso objetivo era simples e direto: estreitar e facilitar o intercâmbio com os laboratórios e universidades americanas e canadenses. Os três já tinham tido experiências positivas nesse sentido e julgávamos muito válido ampliar estas chances para outros colegas. Os doutores Richard Nelson e Howard Knuttgen responderam que, se era este o nosso objetivo, não seria necessária ou benéfica, a organização em forma de capítulo. Foi uma reunião curta e objetiva, diria até, bem anglo-saxônica. Posteriormente, em uma estratégia talvez semelhante, a CAPES acabou organizando um convênio institucional, e dois grandes grupos foram para a University of Iowa e a Vanderbilt, e muitos outros se seguiram.

Não me recordo, exatamente, como foi minha escolha ou alocação como Presidente-Eleito na primeira diretoria. Acredito que dois motivos pesaram bastante; primeiro, o fato de já estar com um internato (último ano de graduação em Medicina) estruturado para o ano de 1979, no Canadá, e segundo, provavelmente, pelo fato de ainda ser graduando (apesar de já ser docente de ensino superior!). Se do ponto de vista prático esta situação era conveniente, por outro lado, foi muito complicado, e o início de uma trajetória, relativamente curta, dentro do CBCE.

1979-1981

Enquanto ainda estagiando no Canadá, tive oportunidade de encontrar o Victor na Califórnia e daí seguimos para o Havaí, em maio de 1979, onde apresentamos temas livres no Congresso Americano de Medicina Desportiva. Tive então a oportunidade, talvez por estar morando fora do Brasil, de verificar a simbiose entre o CBCE e o LAFISCS. Achei aquilo complicado e prenunciei problemas futuros.

Retornei ao Brasil na ante-véspera do I Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte. Evento histórico, bonito, científico e em que foi lançado o número 1(1) da Revista Brasileira de Ciências do

Esporte. Realizado com muita competência, pela equipe do LAFISCS, ratificou, por outro lado, a minha impressão de que era praticamente impossível, separar ou diferenciar os interesses, na minha opinião distintos, das duas entidades. Se por um lado, o CBCE não tinha recursos nem pernas próprias e dependia em tudo do LAFISCS, isto minava, em muito, a sua possibilidade de vôos mais altos e independentes, como uma instituição que representava todo o Brasil.

O CBCE foi crescendo e novos colegas foram sendo cooptados; antigos ou emergentes pesquisadores, das mais diversas áreas e enfoques profissionais foram filiando-se em um trabalho árduo, mas certamente proveitoso. Vários nomes me ocorrem na mente, mas talvez seja melhor não citá-los, para evitar omissões involuntárias.

Início de 1980, já graduado em Medicina, iniciei, simultaneamente, a Especialização em Medicina Desportiva e o Mestrado em Biofísica, ambos na Universidade Federal do Rio de Janeiro, e retornei à docência de Fisiologia do Exercício e Biometria na Escola de Educação Física de Volta Redonda. O CBCE vivia momentos interessantes, crescendo rápido, ganhando credibilidade e representatividade, realizava congressos regionais – Volta Redonda, São Luís e Porto Alegre - e evoluía suas representações em quase todas as unidades da federação. O crescimento do número de membros era muito rápido, não só do ponto de vista quantitativo, mas também, incluindo todos os que produziam pesquisas nas diversas áreas do nosso espectro. A Revista Brasileira de Ciências do Esporte evoluía positivamente e com regularidade. A Revista consolidava-se, mantinha a periodicidade e ganhava em número de páginas e na qualidade dos artigos. Pessoalmente, a convite do Editor, escrevi um curso sobre Medicina do Exercício em três etapas, que talvez tenha sido uma das primeiras utilizações nacionais desta interessante e apropriada forma. Contribuí, diretamente, com vários artigos e consegui outros de colegas com produção científica expressiva. O Dr. Osmar de Oliveira, com vivência jornalística, desempenhava um papel insubstituível. A RBCE, como nós carinhosamente a chamávamos, era um excelente cartão de visita do Colégio.

Chegou o ano de 1981, e com ele a primeira prova verdadeira de maturidade institucional. Seria realizado o II Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, em Londrina, e concomitantemente, a

primeira verdadeira eleição de Diretoria, ou melhor, do restante dela, já que eu era o Presidente-Eleito que passaria a Presidente. Considerando que a grande maioria dos membros do CBCE, inclusive entre os membros pesquisadores, era de profissionais de Educação Física, duas situações pareceram, para mim, cristalinas: a) o próximo Presidente-Eleito deveria ser alguém desta área, com ampla representatividade e b) eu deveria possuir autonomia na escolha dos meus colaboradores diretos. Cheguei a consultar, pessoalmente, dois grandes nomes da Educação Física para concorrerem como Presidente-Eleito. Todavia, essa não era a visão da maioria da Diretoria em exercício, e criou-se uma cisão que comprometeu seriamente a minha possibilidade de atuar, a longo prazo, no CBCE. Apesar de todas as composições tentadas na ocasião, assumi a Presidência para trabalhar com um grupo que não havia sido escolhido por mim e, mais uma vez, um médico era escolhido como Presidente-Eleito.

O ano de 1982, apesar das dificuldades internas, foi muito bom para o CBCE. Estruturou-se uma secretaria operacional, realizamos eleições para representantes estaduais (listas tríplices locais, para escolha final pela Diretoria), organizou-se um congresso regional, as finanças alcançaram um ponto excelente e foram iniciadas parcerias muito importantes como, por exemplo, a que viabilizou a vinda do Prof. Oded Bar-Or, para, durante quatro semanas, ministrar palestras e cursos em várias cidades brasileiras, com o patrocínio da Organização dos Estados Americanos (OEA) e apoio da Fundação Roberto Marinho. A Revista ia muito bem e criou-se um Boletim informativo mensal, completamente financiado por uma empresa da área de material desportivo. Por último, mas, certamente, não menos importante, o CBCE participou, como entidade científica, em eventos e projetos do CNPq. Em paralelo, a nível pessoal, iniciei uma carreira de médico no Serviço de Cardiologia do Hospital Universitário da UFRJ (implantar o Setor de Reabilitação Cardíaca), defendi o mestrado e fui aceito para o doutoramento, fazendo com que o tempo cada vez estivesse mais curto.

O ano de 1983 começava com chave de ouro. Realizamos um curso de extensão na famosa Escola de Educação Física de Colônia, na Alemanha. O Dr. Eduardo Henrique De Rose, com o seu enorme prestígio internacional, juntou a Federação Internacional de Medicina Desportiva (FIMS) e o CBCE, nesta oportuna e rica atividade educacional. Vários

membros do CBCE, de diversos estados brasileiros, tiveram a oportunidade de vivenciar esta maravilhosa instituição por cerca de 12 dias, recebendo aulas de alguns dos mais renomados professores alemães e dos mais destacados brasileiros, que se associaram para abrilhantar ainda mais o curso. Apesar disso, a dificuldade de trabalho interno persistia. Sendo minoritário, julguei que era tempo de facilitar a vida política do CBCE. Afastei-me e antecipei a posse do Presidente-Eleito – Dr. Osmar de Oliveira, que pode, então, organizar, livremente, o III Congresso Brasileiro e o processo sucessório.

1983 EM DIANTE

Após esse momento, afastei-me por completo do CBCE, deixando, logo a seguir, de lecionar para a graduação em Educação Física, passando a atuar, primariamente, como docente de Fisiologia para o curso médico da Universidade Federal Fluminense. Mantinha-me, todavia, ativo nos eventos de Medicina Desportiva no país, no exterior e junto ao Mestrado de Educação Física da UFRJ e, obviamente, continuava o meu programa de doutoramento.

Somente voltei a me encontrar com o CBCE quando recebi, no Canadá, em 1993, onde havia retornado para um pós-doutoramento, uma carta convite para participar de uma mesa-redonda no Congresso de Belém, sobre os 15 anos da entidade. Logo ao chegar ao evento, encontrei vários colegas dos tempos iniciais. Ao iniciar a minha apresentação, pedi que levantassem as mãos aqueles que eram médicos. Dentre cerca de 500 ou 600 pessoas na platéia, havia somente um único médico! A grande maioria era constituída de graduandos dos primeiros períodos em Educação Física. Percebi então, com tristeza, que o CBCE tinha perdido aquilo que, para mim, era o seu ponto forte e diferenciador, o caráter multiprofissional. O CBCE tinha se tornado uma entidade de defesa do professor de Educação Física e de seus problemas de regulamentação, etc, o que certamente é importante (até porque não existe um verdadeiro órgão de classe), mas que, a meu ver, se afastava completa-

mente da proposta inicial do CBCE, como uma instituição ligada, prioritariamente, ao desenvolvimento e à discussão da pesquisa. Pode ser que, com a regulamentação da Educação Física, esta pressão sobre o CBCE diminua, e existam condições futuras de retomar o caráter multiprofissional.

As pessoas e as entidades mudam. Não temos como retornar ao passado, ou realizar um experimento com grupo controle, para saber o que teria ocorrido com o CBCE se as coisas tivessem se passado de modo distinto. Sei, através de depoimentos de amigos, que o CBCE está novamente crescendo e se consolidando, muito embora não saiba, exatamente, para que rumos, dentro deste contexto extremamente complexo em que vivemos, onde a saúde e a educação vêm, progressivamente, se deteriorando. As Escolas de Educação Física avolumam-se pelo país, já temos programas de mestrado e doutorado com nível A na avaliação da CAPES, a Medicina do Exercício consolida-se em nível de graduação e pós-graduação médica e, principalmente, a população demanda orientação e informação sobre a prática regular e saudável do exercício físico, já que apenas cerca de 8% dos brasileiros adultos fazem mais do que 30 minutos de atividade física, em três ou mais vezes por semana. Estará o CBCE preparado institucionalmente para isto? Estará a verdadeira massa crítica da área de conhecimento inserida e ativa no CBCE?

CONCLUSÃO

A concepção de um ser humano é extremamente complexa. A fase de criança é trabalhosa, mas mantemos o controle. Quando chega a adolescência, há uma ansiedade grande, os laços e relações são checados e, muitas vezes, rejeitados. A fase adulta, freqüentemente, permite um repensar maduro e vemos que várias coisas que aconteceram no passado não são assim tão graves ou importantes. Fico com a impressão que a concepção e a implantação de uma idéia possuem um ciclo de vida semelhante ao do ser humano.